



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LORETI SANDRA LAZZAROTTO RUCATTI**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-620

**Entrevistada:** Loreti Sandra Lazzarotto Ruccati

**Nascimento:** 19/11/1964

**Local da entrevista:** Parque Araribóia – Porto Alegre

**Entrevistador:** Suellen dos Santos Ramos, Priscila Vaz, Leila Carneiro Matos e Rejane Penna Rodrigues

**Data da entrevista:** 11/11/2015

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 29 minutos e 30 segundos

**Páginas Digitadas:** 18 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Atuação na Secretaria Municipal de Esporte de Porto Alegre; Programa Esporte e Lazer da Cidade; Formação de agentes sociais; Temática do lazer; Encontros de capacitação dos formadores em Brasília; Formação em cidades do Rio Grande do Sul; Avaliação da formação; Impacto da formação continuada em esporte e lazer.

Porto Alegre, 11 de novembro de 2015. Entrevista com Loreti Rucatti a cargo das pesquisadoras Suelen Ramos, Priscila Vaz, Leila Carneiro Matos e Rejane Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Qual é tua formação e como a temática do lazer apareceu na tua vida?

L.R. – Eu me formei pelo IPA<sup>1</sup> em 1986, depois eu fiz pós-graduação na ULBRA<sup>2</sup> em esporte, recreação e lazer e depois só cursos. Não tenho mestrado, não fiz doutorado, parei por aí. Na verdade, a iniciação do esporte na minha vida foi desde pequena. Eu sempre gostava de Educação Física, salto em altura, gostava de brincadeiras e sempre pensei desde pequena que eu ia fazer Educação Física. Fiz faculdade no IPA e em seguida passei em um concurso na Prefeitura<sup>3</sup>, fiz para professora. A minha vida profissional praticamente é dentro da Prefeitura, são trinta e quatro anos e oito meses de trabalho na Prefeitura específico na Secretaria de Esportes aqui de Porto Alegre. Aqui não era Secretaria na época, era um departamento da SMED<sup>4</sup>, depois virou Supervisão, Departamento, e depois foi Secretaria, até hoje é Secretaria. Me aposentei esse ano, ainda não estou bem aposentada, estou tirando as minhas licenças, em maio me aposento realmente com trinta e cinco anos de trabalho.

S.R. – Como começou esse teu envolvimento, até mesmo dentro da Secretaria com a temática do lazer?

L.R. – A temática do lazer na Secretaria sempre esteve presente em todas as atividades. Por que é Secretaria de Esporte Recreação e Lazer. Tudo era voltado para o esporte lazer e desde sempre envolvida com atividades, campeonatos, atividades de recreação final de semana, de lazer. A Secretaria sempre focava muito na parte do esporte pelo lazer, pela recreação, pela brincadeira, nunca pelo alto rendimento, então isso foi uma coisa que nos ajudava muito a sempre ter as aulas direcionadas para brincadeira, para o lúdico e nunca levando para o lado da competição. A Secretária tinha muito disso né, a Rejane<sup>5</sup>? Pelo que

---

<sup>1</sup> Instituto Porto Alegrense.

<sup>2</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>3</sup> Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Secretaria Municipal de Educação.

<sup>5</sup> Rejane Penna Rodrigues.

eu me lembre bem, a gente tinha sempre essa coisa muito presente do lazer, da recreação junto, andando junto com o esporte. Isso fazia parte do nosso cotidiano e eu acho que para a minha vida desde sempre... Não sei assim te explicar como entrou, mas eu acho que desde o momento que fiz a opção pela Educação Física.

S.R. – Como iniciou o teu envolvimento com o PELC<sup>6</sup>?

L.R. – Como a Rejane que era a nossa Secretária de Esportes, foi assumir um cargo em Brasília, lá ela conheceu esse projeto e vindo para cá ela resolveu que talvez quisesse algumas pessoas do sul... Não sei também se ela gostava do nosso trabalho porque foi a nossa chefe durante muitos anos e nos convidou para participar e a gente aceitou o desafio. Mas na verdade era uma coisa nova para a metade do grupo. Para a gente a primeira impressão foi: “Meu Deus, o que a gente vai fazer?” Mas em seguida veio a primeira reunião em Brasília a gente foi para lá, direcionaram, deram a linha como tinha que ser o curso, o que a gente tinha que trabalhar, o que a gente tinha que estudar. A partir daquela primeira reunião em Brasília a gente voltou: a gente tem que se encontrar e a gente tem que buscar apoio em livros para poder seguir os temas listados pelo Ministério do Esporte. A gente retornou de Brasília e começamos a marcar reuniões, as reuniões eram lá em casa nas quintas à noite, nunca esqueço. Sempre tinha uma jantinha, a gente levava livros, o pessoal vinha com os temas listados pelo Ministério. Dentro daqueles temas tinham os livros, a gente lia, cada um levava para casa um texto da reunião seguinte a gente discutia, ia montando os slides, toda a dinâmica. Eu acho que tenho, eu não sei onde está o meu *pen drive*, mas alguém tem, no *pen drive* tem o curso certinho. Era um Módulo Introdutório que ele chamava... Eram três módulos: um Módulo Introdutório, o do meio que eu não consigo me lembrar o que era, o intermediário e a Avaliação Final. O PELC durava um ano e podia ser renovado por mais um, às vezes renovava, às vezes não renovava e a gente fazia esse acompanhamento. Ia na cidade, dava o curso dentro das linhas do Ministério que a gente montava dentro dos temas; eram três dias de curso, depois a gente acompanhava por e-mail, dava o suporte para as atividades. Na metade do curso a gente, no meio do ano, a gente voltava, fazia de novo toda uma tarde de análise dos grupos, o que estava tendo de atividade, o que tinha o que não tinha, as idades, como era o desenvolvimento do trabalho,

---

<sup>6</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

dava diretrizes para as coisas que não estavam boas. O pessoal apresentava o que estava acontecendo, a gente fazia avaliação, dizia o que tinha que melhorar, o que tinha que continuar, o que tinha que acabar, o que não estava certo dentro da linha do Ministério do Esporte, aí já era o segundo momento, dava uma redirecionada e depois a gente fazia a avaliação final. A avaliação final era toda aquela que vai para o Ministério que a gente preenchia vários itens. Então o curso, na verdade, era dividido assim em três etapas, a gente montava todo o curso, dentro dos tópicos que o Ministério nos mandava.

S.R. – Então a preparação de vocês como formadores foi assim...

L.R. – Não só assim, a gente organizava os cursos, fomos várias vezes para Brasília, onde tivemos vários seminários, vários encontros com formadores de todos os estados, tinha pessoal do norte, de Brasília, era muita gente, nós éramos os intrusos na verdade, nós éramos o pessoal do Sul. O pessoal da Rejane, que a Rejane havia convidado...

R.R. – Vocês não eram professores da universidade...

L.R. – Isso, a gente não dava aula na universidade. O pessoal de lá tinha muita expectativa com as coisas, a gente ia para lá e sempre tinha que apresentar alguma coisa. Quando a gente ia para lá fazia alguma dinâmica, algum curso, alguma coisa sempre saia. Eu lembro que a expectativa era sempre muito grande, era uma tensão a gente levando as coisas para lá. Era muita cobrança nossa para nós mesmos e para também a Rejane não ficar mal perante as nossas coisas porque o pessoal também não era mole. Aquele pessoal do norte não era mole e tinha muita gente lá que escrevia livro, que escrevia não sei o quê, e era texto e era coisa científica e nós chegando, a coisa era complicada para o nosso lado. Mas eu acho que a gente tirou de letra. Não estou aqui tentando ganhar estrelinha, mas eu acho que a gente foi muito bem nessa tarefa. A gente executou muito bem a tarefa que a Rejane nos deu e a fomos bem recebidos em todos os lugares que fomos. Fomos elogiados, fizemos um bom trabalho mesmo. O que mais tu quer saber? O desenvolvimento? Como eram os cursos? Era ruim, era quartel, agora eu vou dizer uma coisa *era quartel*, eu nunca vou esquecer a primeira vez que a gente foi para Brasília. Eu não conhecia Brasília e eu não queria ir sozinha, mas aconteceu uma coisa muito estranha, o meu avião estragou na hora de levantar vôo e eu tive que ficar sozinha esperando... Não! As gurias não puderam

fechar passagem, as gurias foram de noite, eu tive que ir de manhã e aí minha filha? Eu sozinha, o vôo teve que ser transferido e eu digo: “Perdi meu passeio para as cataratas”. Não! Esse foi em Foz do Iguaçu<sup>7</sup>, perdi o tal do passeio e eu digo: “Eu não acredito!”. Chegamos lá, esse foi de Foz, eu quero te contar o de Brasília e a gente queria conhecer Brasília, era eu e mais duas que não conhecíamos nada de Brasília e o curso era num hotel longe, muito longe da cidade, caro aquele hotel, das oito ao meio dia, da uma e meia a seis e meia, das sete e meia as dez. Acho que foi a segunda, a primeira vez que... A gente queria morrer, a gente se olhava: “Quando é que a gente vai conhecer Brasília?” [risos]. Mas é muito longe isso aqui, aí não sei quem foi que deu a ideia, vamos pegar um táxi de manhã e vamos sair e vamos conhecer pelo menos o Ministério, os Três Poderes, pelo menos isso, então dissemos: “Amanhã de manhã a gente vai acordar cedo, vai tomar café...” Além de conhecer a cidade abaixo de maU tempo, tomamos uma mijada da Rejane: “Vocês vieram aqui para estudar, não vieram para passear!” Meu Deus do céu! Nunca mais a gente saiu de curso nenhum e no de Foz depois a gente ficava lá quietinha, louca para ir no Paraguai fazer umas compras, não podia. Mas enfim, essa parte divertida da coisa, mas tivemos várias formações, muitas, eu não lembro quantas, foram várias formações...

R.R. – Era no mínimo uma por semestre...

L.R. – Olha! É verdade. Então a gente tinha muito livro, muita coisa didática para nos dar apoio, tínhamos todo o apoio necessário, eu acho que não tem coisa que a gente não recebeu. A gente recebia livro pelo correio, a gente recebia várias coisas, textos, muita coisa mesmo...

R.R. – Foi oportunizado para muitos professores escrevessem e publicassem livros de acordo com o seu trabalho quem não estava fazendo isso como pesquisa e não teriam oportunidade...

L.R. – Tem um livro grande assim branco escrito PELC, desta grossura...

R.R. – Aquele é o do treinamento, as gurias já levaram...

---

<sup>7</sup> Município do Estado do Paraná.

L.R. –Então esse material didático e o nosso esforço de poder compilar tudo isso e colocar no papel para poder levar para as pessoas.

R.R. – O que é importante que está registrando e que vocês vão ver no final é assim: essa parte que parece uma coisa mais da diferença entre pessoal da prática e da teoria era muito forte. O pessoal via com muita restrição o pessoal que operava na prática, quem fosse da pratica E não estudasse. E esse pessoal daqui que eu levei era o pessoal que eu sabia que estudava, que era bom e que estava afim de me ajudar a mostrar o que Porto Alegre FEZ. Porto Alegre é o berço da recreação pública aqui no Brasil. Eles vestiram a camiseta e então ficou muito mais tenso e pesado para eles porque os outros não precisavam mostrar a que vieram e elas precisavam.

R.L. – Na verdade eu lembro que nos nossos cursos tinha muita prática junto e foi um diferencial, o pessoal reclamava muito, que era muita teoria. Então o nosso curso a gente fazia bem *light*, parte teórica e fazíamos prática. A gente tinha prática de esportes, a gente tinha prática de atividades de lazer e de recreação, para eles já poderem ter uma linha de como eles teriam que trabalhar dentro do programa do PELC.

S.R. – Isso dentro dos núcleos?

R.L. – Quando a gente ia dar formação. A primeira formação, o primeiro curso que era o Módulo Introdutório, além de todos os tópicos e teóricos a gente fazia prática junto. Depois tu pode ver aqui tem uma programação de um curso, a gente passava filme, fazia eles interpretar o filme, trabalhar em grupo. Então tinham vários itens de recreação, mais recreativo para não ficar tão pesado o curso, por que eram quarenta e quatro horas...

R.R. – Eram quarenta horas.

R.L. – Quarenta horas de curso de manhã e tarde e geralmente tinha final de semana...

S.R. – Se tu puder falar um pouquinho de como essas atividades eram desenvolvidas...

R.L. – Deixa só eu me organizar, deixa eu lembrar o primeiro curso que eu fui, onde foi a primeira vez?

R.R. – Acho que foi Ivoti<sup>8</sup>...

R.L. – Foi Ivoti ou Feliz<sup>9</sup> eu não lembro... E foi todo o grupo, a gente dividiu um pouquinho para cada um para não ficar tenso, mas foi muito legal porque o pessoal que nos recebeu, o pessoal que já estava programado para executar o PELC, a equipe deles também foi muito receptiva. Quando eles te recebem bem tu já te sente mais à vontade. A Maria Leonor<sup>10</sup> era muito do basquete, da prática, muito de brincadeira, a parte mais do esporte ficava com ela e ela dominava muito bem. No início para nós era ótimo, eu pegava mais a parte de brincadeiras, a parte da recreação, dinâmicas de grupo. Quando éramos nós duas ela ficava com a parte do esporte e a teoria, a gente ia sempre dando uma mesclada, um pouco ela, um pouco eu. Era muito engraçado, a gente chegava e o pessoal já estava assim: “Meu Deus, curso!” O pessoal era assim...

R.R. – Tinha gente da comunidade...

R.L. – Tu também não podia levar muita coisa, tinha que trabalhar no nível deles, no entendimento deles. A gente não podia levar coisas muito acadêmicas, usar termos que eles não conheciam. A gente tinha que procurar também falar a linguagem do pessoal que estava ali fazer uma pré-análise. Quando tu chegava já tinha uma brincadeira. De saber, de conhecer o que fazia, porque se interessou, porque se inscreveu no curso do PELC, essa era a primeira coisa que a gente fazia quando chegava. Então para quebrar aquele gelo e saber até onde a gente podia chegar com eles porque muita teoria não ia adiantar nada. Teve cidades que a gente chegou que tivemos que mudar a programação e dizer: “Não, aqui eles precisam de prática, eles não precisam de teoria. Aqui eles precisam mais de teoria por que a práticas eles já tem, muitas vezes a gente teve que trocar tudo realmente. A gente chegava com uma coisa organizada e tinha que trocar justamente para a gente fazer essa

---

<sup>8</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>10</sup> Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

parte inicial com eles. A gente tinha um colega, o Luiz Bohrer<sup>11</sup> que era muito engraçado, fazia uma rodada de apresentação e no outro dia ele chamava se tinham trinta pessoas ele olhava para você: “Maciel, Rejane...”. Ele guardava o nome de todas as pessoas, que é uma coisa comigo que eu tenho até hoje, impressionante, eu terminava os três dias de curso eu sabia o nome de meia dúzia. O Luiz, no segundo dia, ele chamava as pessoas pelo nome, então isso também chamava a atenção e eu perguntava: “Como é que pode?”. Ele respondia: “Eu gravo a fisionomia, a pessoa falou isso”. Ele aproveitava já dava uma aula sobre como ele gravava o nome e a gente já partia para um pouco de teoria de esportes por que os temas eram esporte, recreação e lazer. Dentro de cada um tu tinha que trabalhar os itens que estão ali que eu não sei te destacar de cabeça agora. Mas a gente trabalhava o esporte recreativo, o esporte lazer, o esporte competição para eles entenderem tudo que se passava dentro do esporte, levava atividades, brincadeiras de competição a gente fazia para eles entenderem. O PELC na verdade era focado na recreação e no lazer, então, era tudo assim para divertir a gurizada, fazer o pessoal ir lá, se encantar com as atividades, esse era o verdadeiro objetivo do PELC, tirar as crianças de casa, os idosos, o PELC na verdade eram todas as idades. Depois tinham os outros projetos, Vida Saudável...

R.R. – PRONASCI<sup>12</sup>...

R.L. – O nosso atuava em todas as cidades, a gente tinha atividades para eles desenvolverem com crianças, com adultos, várias opções. Eles podiam ir ali procurando as coisas no curso, se encaixando e vendo em que cada um deles poderia ajudar nos núcleos, o que poderiam fazer. Eu acho que era muito produtivo, por que pessoas que se inscreviam não sabiam nada. Eles abriam as inscrições, algumas pessoas eram direcionadas, eles querem pessoas que trabalhem com comunidade que sejam líderes da comunidade, alguma coisa assim vinha mas muita gente não tinha noção do que eu vou desenvolver, a gente chegava lá, pode desenvolver ginástica, pode desenvolver violão, pode fazer oficinas e as pessoas ficavam assim: “Bom, podiam ter contratado alguém que soubesse violão”...

R.R. – O diferencial do Programa Segundo Tempo é justamente isso, trabalha com escola, com educação, tem que ser profissional de Educação Física ou estudante. No PELC não

---

<sup>11</sup> Luiz Carlos Vianna Bhorer.

<sup>12</sup> Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

precisava e não era aconselhável que todo mundo fosse estudante. A gente acredita muito nas lideranças que existem na comunidade e essas lideranças, elas já vinham às vezes fazendo alguma atividade...

R.L. – Isso era muito bom quando acontecia isso...

R.R. – Futebol de várzea para as criancinhas, sempre tem alguém lá, um jovem maior, alguém que já cuidava disso ou tinha vontade de fazer alguma coisa para as crianças pequenas e não sabia o que. O PELC também dá uma bolsa de contribuição, ela também gerava, além de favorecer a liderança local, ainda gerava recurso para a própria comunidade, as pessoas da comunidade atuavam na sua comunidade...

R.L. – Sempre era muito bom quando tinham líderes comunitários, já pegava aquilo ali e já fazia crescer o PELC ali dentro. Um campo de futebol com meia dúzia de crianças, tinha um líder lá, se ele participasse do PELC, para nós já era meio caminho andado, porque dali já desenvolvia várias coisas e o lugar dos núcleos, as prefeituras também sempre deram uns lugares muito bons, Feliz, Ivoti, Arroio do Sal<sup>13</sup>. A prefeitura sempre apoiou muito então tinham lugares bons para fazerem os núcleos, desenvolver os núcleos, inclusive Porto Alegre<sup>14</sup>. Mas Chuí<sup>15</sup> foi o lugar que mais deu curso, fez várias renovações, Santa Vitória do Palmar<sup>16</sup> e Chuí foram os que mais que conseguiram renovar o PELC, então aquilo ficou por muito tempo, muita atividade, muita coisa.

S.R. – Além de Ivoti, Santa Vitória do Palmar e Chuí, tu lembra quais outros locais tu atuou como formadora?

R.L. – Uma cidadezinha de Santa Catarina que eu não lembro o nome que eu sei que é muito longe, muito longe, eu não lembro o nome. Eu fui para Ubá em Minas Gerais, esse de Santa Catarina eu não lembro o nome. Ivoti, Arroio do Sal, Feliz, Santa Vitória do Palmar, Chuí...

---

<sup>13</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>14</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>16</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

S.R. – Quanto tempo tu ficaste como formadora?

R.L. – Quando teve a primeira renovação que teria que se inscrever para fazer mestrado, foi isso, eu nem lembro...

R.R. – Nos conveníamos com a UFMG<sup>17</sup>.

R.L. – Exatamente, quando começou o convênio, isso aí...

S.R. – 2010?

R.L. – Acho que foi, porque foi em seguida que eu fui para a SME<sup>18</sup>, fui para o cargo de gerência em 2009, acho que foi 2010, a gente se inscrevia em alguma cadeira de mestrado para poder continuar ou tu caia fora. Eu não me inscrevi em nada e cai fora.

S.R. – De 2006 a 2010 tu atuou como formadora e além dessa questão dos agentes comunitários, quais outros pontos de destaque tu pode nos colocar nas formações nas regiões que tu atuou?

R.L. – Acho que uma coisa que me chamava muito a minha atenção quando a gente voltava na avaliação era a parte do artesanato, como era forte a parte do artesanato, a maioria dos locais desenvolvia artesanato, sempre tinha alguém que estava ali que sabia alguma coisa de artesanato e naquela história de ir puxando mais alguém que sabia outra coisa. Eu tenho coisas na minha casa, teve anos, guirlanda na porta da minha sala, coisas lindas que eles faziam no artesanato e eles faziam feiras e eles vendiam, aquilo do PELC gerava até renda para as pessoas que faziam parte das oficinas, isso para mim era uma coisa que eu achava fenomenal. Fora as brincadeiras, as coisas de esporte, mas à parte do artesanato eu ficava encantada com tanta coisa que eles faziam e depois eles faziam feira, vendiam e ainda gerava renda para eles, entendeu? Isso foi o que mais chegou atenção nas oficinas, não sei se é isso que tu está perguntando, se a pergunta estava dentro disso?

---

<sup>17</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>18</sup> Secretária Municipal de Esportes.

S.R. – Sim, dentro desses cursos, das formações...

R.L. – Sempre o que chamava muita atenção e eu guardo até hoje, tipo, frases que as pessoas diziam: “Mudou a minha vida o PELC”. Quando a gente chegou a fazer avaliação dos seis meses chegou uma senhora disse assim: “As farmácias aqui vão fechar, vão quebrar por que a gente não vai mais a farmácia”.

R.L. – A Maria Leonor fez um trabalho em cima do PELC...

R.R. – Ela apresentou lá...

R.L. – Exatamente, eu tenho lá em casa, eu não quis trazer por que isso é dela entendeu? Eu participei junto com algumas coisas, mas como foi ela, a iniciativa foi dela e meu nome está no trabalho, eu tenho todo ele ali em casa, eu retirei por que eu não ia trazer por que ela que tem que mostrar aquilo para vocês. Ela tem todos os dados desse de Ubá que lá foi uma experiência também muito legal e foi bem político no início, lá teve uma história muito legal de duas vilas, dois morros que não se dava e que brigavam entre eles e que o PELC uniu e eles fizeram uma apresentação de dança, acho que foi funk no final, os dois morros, um, depois o outro, depois juntos. Era de chorar, então tem muitas coisas de emoção no PELC, coisas lindas e eu acho que Ubá mais representou isso no papel para nós porque lá teve coisas homéricas, muito legal mesmo. Lá em Ubá tem vários relatos que eles diziam as farmácias iam quebrar porque eles não tomavam mais remédios porque faziam atividades no PELC porque isso, porque aquilo, porque a cidade inteira mobilizou, foi muito bacana lá.

S.R. – Como tu via a participação depois acompanhando dos agentes comunitários e os profissionais da área? Existia por exemplo, nos núcleos atuando apenas agentes sociais ou tinham também profissionais de Educação Física?

R.L. – Eu lembro que aqui em Esteio<sup>19</sup> tinha profissionais de Educação Física no Chuí tinha dois. As pessoas que eram contratadas para gerenciar os núcleos na verdade a maioria tinha curso de Educação Física, eles contratavam pessoal de Educação Física para gerenciar os núcleos, eles já sabiam aonde iam colocar. Então aquela pessoa já tinham... Eram pessoas com faculdade, no Chuí, Feliz, acho que a maioria dos locais a pessoa que coordenava era da Educação Física. Em Ubá me marcou porque uma das coordenadoras ela depois foi ser secretária da prefeitura e a prefeitura na gestão dela encampou o PELC. Realmente rejeitou. Porque os objetivos do PELC é que seja transformado numa política pública das cidades e num dos lugares, em Minas Gerais, a prefeitura, depois ela fez virar uma... A população de lá ficou desamparada sem PELC, ela continuou tendo pela prefeitura. Lá para nós foi o melhor exemplo de PELC acontecendo realmente...

R.R. – Em Ivoti também...

R.L. – É verdade! É que lá marcou mais eu acho, não sei por que, lá foi bem marcante...

R.R. – Vocês que vivenciaram todos os processos da formação, aquelas formações antes de fazer a integração de todas as regiões, como vocês viam essas trocas de conhecimento entre os formadores?

R.L. – No início a gente estava apavorado porque o pessoal de lá era muita teoria, o curso deles era tudo teoria. Eu lembro que era uma época... A vez passada que fazia o curso, a Andréa<sup>20</sup> já mandava para nós assim diz: “O grupo do Sul vai apresentar, vai falar durante o curso sobre esse item”. Tu quer saber a nossa relação com o resto do pessoal...

R.R. – Não! Como é que se dava a troca de conhecimento, a gente estava colocando que cada grupo, cada região tinha...

R.L. – Eu lembro que tinha vários trabalhos em grupo, então o grupo do Sul mistura com o grupo de outros lugares, com os outros formadores. Então a gente aprendia muito da parte deles, mas sempre tinha isso com a gente que eles trabalhavam muito em cima de teoria e

---

<sup>19</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>20</sup> Andréa Ewerton Nascimento.

nós trabalhávamos em cima da prática e da teoria, Então para eles também era complicado por que eles tinham muito pouco da parte pratica junto dos cursos e isso no início deixava a gente meio chocado por que nós sempre fomos muito da pratica aqui. Aquilo que a gente falou colocar teoria foi o mais difícil e para eles a teoria estava ali de bandeja era deles aquilo ali e eles tinham que colocar a prática porque a gente, nas nossas dinâmicas, a gente apresentava o nosso curso como prática e como teoria. Eu não lembro assim de tanta, eu lembro muito aquele caso do pessoal chato lá do Norte [risos]

R.R. – Eu estou ouvindo pela primeira vez de fato como é que... [risos]. Mas enfim as formações eram muito boas, a gente aprendia muito, mas ao mesmo tempo aquela parte deles era muita teoria, eles muito doutores, cada um deles vinham com um texto escrito por eles. Como é que chama? Não é texto, é artigo científico escrito por eles, então, aquela coisa, eu me sentia a última bolachinha do negócio, não tinha nada escrito, nunca tinha feito nada, publicado em livro essas coisas. A maioria tinha isso, o pessoal de Brasília tinha isso, o pessoal do Norte tinha isso, mas era assim: a hora que eles pegavam o microfone para falar ou apresentar, Deus me acuda! Porque o negócio era pesado, porque era um troço assim, eu me lembro que eu ficava bem incomodada, não sei por que, talvez por não ter muito essa parte da teoria, de vários livros, de muita história, muito mestrado, muito doutorado, esse era o pessoal de lá. Eu nunca tive um entrosamento muito bom com eles, eram uns três ou quatro. O pessoal de Belém era legal, a gente tinha bastante coisa em comum. O pessoal de Brasília, o pessoal lá do Norte, eu não lembro nem mais o nome das pessoas que horror! Eu não sei as gurias, mas nosso grupo era mais reservado...

S.R. – Tu acha que essas pessoas com uma formação mais acadêmica, mais da teoria, impactaram de forma diferente do que vocês que eram mais da prática? Digo impactaram nas formações, nos núcleos?

L.R. – Agora uma pergunta difícil, eu gostaria de saber como é que foram as avaliações deles, a gente não misturava com eles na hora de dar curso. Nós atuávamos no Sul, o pessoal de Brasília, para a região de Brasília o pessoal do Nordeste, então, a gente nunca cruzou nesse sentido. Os nossos encontros eram lá nas formações em Brasília, então lá que a gente via como que eles procediam, eles viam como a gente procedia...

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]

S.R. – Vamos voltar falando das formações em dupla.

L.R. – O nosso grupo que foi chamado de coletivo do Sul, a gente se reunia para estudar e além de se reunir para estudar e a gente dividia os textos para levar para casa para a semana seguinte a gente debater sobre os textos e sobre como a gente falaria, de que maneira falaria para o público que estava para nos ouvir. A Léo sempre teve muito claro isso com ela de como a gente tinha que ver o público e como a gente ia trabalhar e falar, se era mais científico, se era mais a língua deles. Essa preocupação tinha no nosso grupo e a outra preocupação era de trabalhar em dupla; a gente decidiu desde o início a orientação era um formador por curso e a gente resolveu que seriam dois. A gente sempre iria em dupla, para um apoiar o outro para fazer a parte prática, um conhecia mais a parte do esporte, o outro mais brincadeira, então, a gente conseguia fazer um curso bem dinâmico e que o pessoal chegava no final do curso assim e nem tinha cara de cansado. Começava na sexta e terminava domingo, a gente fazia manhã tarde e espichava a noite para poder completar as quarenta horas da carga horária. Eu lembro que no final tu só agradecia que tinham aprendido muito, tinha sido muito bom que já tinha uma linha de como tinha que trabalhar, agora eu vou falar a frase: “Eu nunca estudei tanto na minha vida quanto para o PELC”. Nem para a faculdade, a gente tinha que ler livros, mas para o PELC a gente souou. Para montar um curso legal, um curso dinâmico, um curso que tivesse teoria e prática e que fosse um curso acessível para todas as pessoas que estivessem escritas ali como agentes do PELC.

S.R. – E na tua opinião essas formações tiveram impacto nos núcleos?

L.R. – Com certeza porque as avaliações eram estrondosas, a gente chegava no hotel. A gente tinha um horário para fazer as avaliações, para compilar... Não, vamos fazer agora a noite, por que a gente sempre estava louco para ver o que eles escreviam, nos primeiros a gente ficava até de madrugada, vamos fazer hoje, a gente tem que ler, a gente pedia para não colocar o nome para não se expor. Então eles escreviam muita coisa, eles agradeciam muito, agradeciam que tinham aprendido, que tinha sido muito bom, que queriam que a gente voltasse, não só daqui a seis meses, que a gente fosse lá para olhar o trabalho para

avaliar e essas avaliações eram importantes para nós por que elas levantavam ainda mais o nosso astral, a gente está no caminho certo. Essas avaliações iam para Brasília, eu não sei como foi recebido, mas para nós eu vou te dizer que sempre teve elogios. Eu acho que a Rejaane em nenhum lugar que foi na época das cidades, eu lembro que tu foi em Santa Vitória, que tu foi no Chuí, que tu foi em Feliz, eu acredito que nenhuma cidade ela tenha tido qualquer reclamação nossa, nunca faltamos a não ser a vez que os guris erraram Chuí com Ijuí e foi muito engraçado por que eles foram para Ijuí. O guri falava Ijuí no telefone e eles compraram passagens para Ijuí e o guri dizia: “Onde é que vocês estão?”. Eles respondiam: “A gente está aqui na frente da rodoviária”. E o guri disse: “Mas eu também estou, como é que vocês estão vestidos?”. E eles respondem: “A gente está vestido assim...”. E o guri: “Mas eu não estou vendo ninguém aqui, eu vou dar a volta, mas onde é que vocês estão?” Depois de várias ligações o pessoal esperando em Ijuí: “Mas afinal de contas, em que cidade vocês estão?”. E eles responderam: “Ijuí”. Ai o cara lá do Chuí disse: “Mas aqui é Chuí”. Ela disse que só não teve um infarto porque não era a hora e agora como faz para chegar em Chuí de Ijuí? Foi muito engraçado, mas depois quem foi dar o curso em Chuí fui eu, foi muito engraçado, o pessoal já estava na expectativa de esperar, mas foi muito bom. Foi um período de quatro ou cinco anos muito bacana, maravilhoso.

S.R. – Está destacando assim vários pontos positivos e do quanto as formações impactam nos núcleos, mas eu não posso deixar de perguntar se tu destaca também algum ponto negativo?

L.R. – Os positivos são sempre os que ficam, mas a gente teve alguns problemas, a gente teve problemas de verba em algumas prefeituras, eu não vou dizer quais. Mas a gente tinha que se posicionar, fazer reunião com o responsável pela prefeitura que faz o projeto, que encaminha que assina, do comprometimento, onde ia a verba. A gente teve alguns locais, eu acho que foram poucos, se eu não me engano, de todas as cidades que fui, porque eu acompanhei o curso, eu acho que foi em dois que a gente teve que sentar com o pessoal da prefeitura e dar o redirecionamento, ou a gente mandava a avaliação para lá para acabar. Podia fazer isso também a gente voltava do lugar e a coisa não estava acontecendo, tá fazendo o que com o dinheiro? Então eu acho que foram dois lugares mais pesados, não convém listar quais são, mas foram dois assim que teve uma metade do curso de avaliação

que a gente ficou só na batalha ligando para Brasília para tentar ver o que ia acontecer por que o pessoal reclamava que não chegava material, que não tinha isso para as oficinas, que não tinha aquilo. Mas como que não tem se o dinheiro já veio? Então teve duas cidades, foi bem triste, teve choradeira, o pessoal chorava que não tinha como trabalhar e estava tirando dinheiro do bolso, também teve coisas negativas. Mas foram coisas que a gente pode administrar sem problema nenhum, não precisou se interromper nenhum curso, as coisas tomaram um novo rumo realmente, mas era uma parte do curso que ninguém queria, a gente não gostava de trabalhar com isso, mas teve. A gente teve muito mais coisas positivas, o resultado foi positivo do que negativo, negativa mesmo acho que não teve, para nós não teve. Mas teve essas outras coisas, não foram tão boas, a gente teve que dar esse redirecionamento, eu não posso dizer pontos negativos, eu realmente não tenho muitos. A não ser essas coisas mais de prefeitura, de verba, que a nossa parte era mesmo toda relativa com o PELC, com os acontecimentos, com as coisas, com as oficinas, com os materiais. Vocês já olharam o projeto de prefeitura? Já chegaram a ver algum? Ali vem a verba destinada, certinha para comprar o quê, tem que ter né?

S.R. – Mas de um modo geral, no teu ponto de vista o PELC cumpria com o objetivo da inclusão social?

L.R. – Cumpria mesmo, teve tantos lugares, tanta gente que nunca teve acesso a nada, pessoas com sessenta anos que nunca souberam na vida o que era brincar com uma bola de basquete, verificar pulso em uma caminhada, uma aula de dança, tinha muitas oficinas de dança, crianças com aula de percussão, a gente assistiu uma aula, acho que foi em Feliz ou Ivoti as crianças fazendo percussão. São coisas, como tu vai achar uma coisa negativa numa iniciativa que traz resultado, eu acho que a gente teve muita sorte aqui no Sul, por que é o Sul as pessoas abraçam as causas. Mas em todos os PELCs que eu acompanhei nenhum deles deixou de executar as tarefas da primeira reunião que a gente... Tiveram que trocar agentes, que a coisa não estava andando, aí dispensavam e contratavam pessoas com o perfil mais específico, as coisas sempre foram assim, muito artesanato, muita aula de violão, percussão, oficina de dança, ginástica, alongamento para a terceira idade, oficinas de dança, ginástica, várias coisas, muitas coisas boas. As vezes a gente chegava era um grupo que não tinha muito, mas depois do curso eles se achavam, eu lembro que aqui em Porto Alegre em uma formação teve uma menina que chegou e disse assim: “Eu vou ter

que fazer isso?”. Ai eu olhei para ela: “Se tu não quiser fazer isso, tu pede demissão agora, por que tu vai brincar com criança, tu vai limpar o ranho da criança, por que tu vai ter criança ranhenta, criança fedorenta, tu vai ter de tudo e tu vai ter gente cheirosinha, mas tu vai ter que trabalhar e são pessoas que tu vai ter de atender da mesma maneira”. As pessoas se inscrevem e elas não sabem para onde elas estão indo, não tem noção do que é um projeto, um projeto social, trabalhar em vilas, em locais aonde não chega mesmo...

S.R. – Na tua opinião o que é necessário para o Programa se qualificar ainda mais?

L.R. – Estou afastada agora, eu não sei. Eu vou falar do nosso grupo, eu acho que a gente tinha que tentar aproximar cada vez mais a prática da teoria. Por que quando tu vai para um projeto que tu tem pessoas que se inscrevem para trabalhar e o que eu vou fazer? Às vezes as pessoas não tem essa dimensão e tu recebe um curso de quarenta horas e a pessoa sai de lá sabendo que ela vai fazer, eu acho que isso merece estrelinhas mil e priorizar que as pessoas entendam o que é aquele projeto, eu acho que o avanço é isso, é como que as pessoas vão chegar lá para trinta ou quarenta agentes que estão na expectativa, que vão trabalhar em um projeto receberem como é que funciona o projeto, por que se eles não souberem ali nesse curso, como é que vai funcionar, o que eles tem que fazer, o lugar de cada um dentro do projeto. Eu acho que tem que aprimorar isso, levar para eles como deve funcionar o projeto e dentro desse um ano... Eu não sei se é um ou dois... É por que o pessoal chorava muito quando chegava na reunião de avaliação final, tem que continuar, mas não éramos nós que fazíamos continuar...

R.R. – Tu achavas assim, tu fazia o Modulo Introdutório, fazia também...

S.R. – Tu trabalhou só no PELC ou tu chegou a trabalhar também com os povos indígenas, com o Vida Saudável?

L.R. – Só no PELC...

R.R. – Dois aspectos que eu queria saber: primeiro, tu notou evolução pedagógica no aprendizado mesmo sendo recreativo, como evoluía as oficinas e as ações; segundo, os

agentes conseguiam manter os seus grupos? Esses grupos iam se esvaziando ao longo do tempo?

L.R. – Das que eu conseguia acompanhar eu acho que eles evoluíram, porque a gente ia na avaliação no meio do semestre, seis meses depois a gente voltava lá. Então a gente via uma organização bem pedagógica, tinham chamada, o grupo que estava determinado lá, abria inscrições. Quando a gente sai do primeiro módulo, a gente já sai de lá sabendo o que eles vão fazer, já está determinado, vai ter grupo disso e disso. Quando tu chega para avaliar aqueles grupos tem inscrição, tem o grupo, a gente faz uma avaliação, eles apresentam o que eles, levam os grupos para se apresentar, se é dança, se é ginástica. Então isso deu para ver que teve essa evolução, o pessoal mantinha o grupo, tinha grupos que iam até o final. No final do ano se apresentavam para nós na avaliação e eles tinham essa organização, acho que a evolução pedagógica era legal por que dependia muito também do coordenador geral, quando ele era um profissional da área ele conseguia, por que eles tinham reuniões também depois que a gente ia embora. Então eles conseguiam se organizar pedagogicamente por que eles tinham chamada, eles tinham presenças, faltas direitinho, eles contavam as pessoas, a gente via pelas chamadas que eles acrescentavam, o grupo aumentava, diminuía conforme a chuva, se eram coisas na rua, futebol. Então a gente conseguia ver isso, acho que todos eles evoluíram pedagogicamente também. Eu acho que eles saíam do PELC prontos para arrumar um emprego na área, mesmo não sendo profissionais da área. Muitos deles foram ótimos profissionais, eles saíram, eu vou te dizer, entre eles mesmos como a pessoa não dava conta, eles já trocavam, eles substituíam. Nunca precisou a gente chegar e dizer para dispensar fulano, ciclano... Aqui em Porto Alegre eu não acompanhei, eu fui em uma avaliação só por que eu já estava com cargo na prefeitura, eu evitei de fazer a formação aqui em Porto Alegre, aqui eu não acompanhei, mas aqui teve vários que foram demitidos, vários que foram trocados. As outras que eu acompanhei foi bem pouco. Os grupos se mantinham por que sempre teve muita gente participando do PELC por que era muito divulgado, tinha muito cartaz, muita coisa, a visita nos núcleos quando a gente chegava a gente fazia visita, a prefeitura já tinha determinado, então de manhã era visita nos núcleos, a gente ia ver se era adequado, se não era, se eram espaços públicos, se eram espaços privados, iriam atender crianças da onde, então tudo isso era visto por nós. Eu acho que isso também era importante, a gente fazer a visita, olhar, ver aonde eles iriam trabalhar, que crianças eles iam atender, a gente

acompanhava toda a divulgação, os cartazes, tudo a gente mandava por e-mail, a gente dava um “ok”. A gente fez um bom trabalho.

S.R. – Meus parabéns.

L.R. – E a Rejane está aí, a nossa chefe, com todos que vocês vão falar as pessoas vão dizer a mesma coisa. Eu tenho certeza porque a gente dava curso um dia, ia com a Leo, outra vez eu ia com a Lise<sup>21</sup>, outra vez eu ia com o Luiz e a gente nunca era a mesma coisa. A gente sorteava para a gente ver, até por que a gente dividia tudo, então, a gente dava uma equilibrada. Foi um período de aprendizagem, muita leitura e foi muito bom. Eu só tenho a agradecer pelo convite mesmo para mim foi maravilhoso.

S.R. – Muito obrigado Loreti por conceder essa entrevista. O Centro de memória do Esporte te agradece.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>21</sup> Lieselote Inês Schmidt